

ABC

O sonho dos heróis

I

Ao longo de três dias e três noites do carnaval de 1927 a vida de Emilio Gauna atingiu sua primeira e misteriosa culminação. Que alguém tenha previsto o terrível fim designado e, de longe, tenha alterado o fluir dos acontecimentos é um ponto difícil de resolver. Por certo, uma solução que indicasse um obscuro demiurgo como autor dos fatos que a pobre e apressada inteligência humana vagamente atribui ao destino, mais que uma luz nova, acrescentaria um problema novo. O que Gauna entreviu perto do final da terceira noite chegou a ser para ele como um ansiado objeto mágico, obtido e perdido numa prodigiosa aventura. Indagar essa experiência, recuperá-la, foi nos anos seguintes a manifesta tarefa que tanto o desacreditou diante dos amigos.

Os amigos se reuniam todas as noites no café Platense, na esquina da Iberá com a Avenida del Tejar, e, quando não estavam acompanhados pelo doutor Valerga, mestre e modelo de todos eles, falavam de futebol. Sebastián Valerga, homem parco em palavras e propenso à aфонia, conversava sobre turfe – “sobre as palpitantes competições dos circos de outrora” –, sobre política e sobre coragem. Gauna, de vez em quando, teria comentado os Hudson e os Studebaker, as Quinhentas Milhas de Rafaela¹ ou o Audax, de Córdoba, mas, como o assunto não interessava aos outros, devia ficar calado. Isso lhe conferia uma espécie de vida interior. No sábado ou no domingo viam a Platense jogar. Em alguns domingos, quando tinham tem-

¹ Quinhentas Milhas de Rafaela: tradicional corrida automobilística realizada na cidade de Santa Fé, na província homônima, a 530 km de Buenos Aires. Desde 1926 já houve 37 edições da prova. (N.T.)

po, passavam pela quase marmórea confeitaria Los Argonautas, com o pretexto de rir um pouco das garotas.

Gauna acabara de completar vinte e um anos. Tinha o cabelo escuro e crespo, os olhos esverdeados; era magro, de ombros estreitos. Fazia dois ou três meses que havia chegado ao bairro. Sua família era de Tapalqué: povoado do qual recordava umas ruas de areia e a luz das manhãs em que passeava com um cão chamado Gabriel. Muito pequeno, tinha ficado órfão e uns parentes o levaram a Villa Urquiza. Ali conheceu Larsen: um garoto da sua idade, um pouco mais alto, de cabelo vermelho. Anos depois, Larsen se mudou para Saavedra. Gauna sempre desejara viver por sua conta e não dever favores a ninguém. Quando Larsen conseguiu trabalho para ele na oficina de Lambruschini, Gauna também foi para Saavedra e alugou, meio a meio com seu amigo, um quarto a duas quadras do parque.

Larsen o havia apresentado aos rapazes e ao doutor Valerga. O encontro com este último o impressionou vivamente. O doutor encarnava um dos possíveis futuros, ideais e não presumidos, com que sua imaginação sempre havia brincado. Da influência dessa admiração sobre o destino de Gauna não falaremos ainda.

Num sábado, Gauna estava fazendo a barba na barbearia da Calle Conde. Massantonio, o barbeiro, falou-lhe de um potro que ia correr naquela tarde em Palermo. Ganharia com toda a certeza e pagaria mais de cinqüenta pesos por pule. Não apostar nele uma quantia forte, generosa, era um ato mesquinho que depois pesaria na alma de mais de um daqueles tacanhos que não enxergam um palmo além do nariz. Gauna, que nunca havia jogado nas corridas, deu-lhe os trinta e seis pesos que tinha, de tão insistente e inflexível que se mostrou o citado Massantonio. Depois o rapaz pediu um lápis e anotou no verso de uma passagem de bonde o nome do potro: *Meteórico*.

Naquela mesma tarde, às quinze para as oito, com a *Ultima Hora* debaixo do braço, Gauna entrou no café Platense e disse aos rapazes:

– O barbeiro Massantonio me fez ganhar mil pesos nas corridas. Propenho que a gente gaste juntos.

Desdobrou o jornal sobre uma mesa e leu com dificuldade:

– No sexto páreo de Palermo ganha *Meteórico*. Prêmio: \$ 59,30.

Pegoraro não escondeu seu ressentimento e sua incredulidade. Era obeso, de feições largas, alegre, impulsivo, ruidoso e – segredo que ninguém ignorava –

com as pernas cobertas de furúnculos. Gauna o fitou por um momento; depois sacou a carteira e a entreabriu, deixando ver as notas. Antúnez, que pela estatura era chamado de *Largo Barolo*,² ou de *El Pasaje*, comentou:

– É muito dinheiro para uma noite de bebedeira.

– O carnaval não dura uma noite – sentenciou Gauna.

Interveio um rapaz que parecia um manequim de loja de bairro. Chamava-se Maidana e o apelidaram de *Gomina*.³ Aconselhou Gauna a estabelecer-se por conta própria. Lembrou a oferta de uma banca de jornais e revistas numa estação de trem. Esclareceu:

– Tolosa ou Tristán Suárez, não lembro. Um lugar próximo, mas meio morto.

Segundo Pegoraro, Gauna devia alugar um apartamento no Barrio Norte e abrir uma agência de empregos.

– Lá, refestelado diante de uma mesa com telefone particular, você faz passar os recém-chegados. Cada um te paga cinco pesos.

Antúnez propôs que lhe desse todo o dinheiro. Ele o entregaria a seu pai, e dentro de um mês Gauna o receberia multiplicado por quatro.

– É a lei do lucro reinvestido – disse.

– Vai sobrar tempo para poupar e fazer esforço – respondeu Gauna.

– Desta vez todos nós vamos nos divertir.

Larsen o apoiou. Então Antúnez sugeriu:

– Vamos consultar o doutor.

Ninguém se atreveu a contradizê-lo. Gauna pagou outra rodada de vermute, brindaram por tempos melhores e se encaminharam à casa do doutor Valerga. Já na rua, com a voz entoada e chorosa que, anos depois, lhe granjearia certo renome em quermesses e festas beneficentes, Antúnez cantou “La copa del olvido”.⁴ Gauna, com uma inveja amistosa, refletiu que Antúnez encontrava sempre o tango adequado às circunstâncias.

2 *Largo Barolo*: literalmente, Comprido Barolo. Referência ao Palácio Barolo, edifício inaugurado em 1923 na Avenida de Mayo, no centro de Buenos Aires. Até 1935, foi o prédio mais alto da cidade. Sob o edifício, há uma passagem para pedestres chamada Pasaje Barolo, que, como se verá mais adiante, é outro dos apelidos de Antúnez. (N.T.)

3 *Gomina*: brilhantina. (N.T.)

4 “La copa del olvido”: A taça do esquecimento, tango de 1921, com música de Enrique Del-fino e letra de Alberto Vaccarezza. (N.T.)

Tinha sido um dia de calor e as pessoas estavam reunidas nas portas, conversando. Francamente inspirado, Antúnez cantava aos gritos. Gauna teve a estranha impressão de ver-se passar com os rapazes, entre a desaprovação e o rancor dos moradores, e sentiu alguma alegria, algum orgulho. Olhou para as árvores, a folhagem imóvel no céu crepuscular e violáceo. Larsen deu uma cotovelada, de leve, no cantor. Este se calou. Faltava pouco mais de cinqüenta metros para chegarem à casa do doutor Valerga.

Abriu a porta, como sempre, o próprio doutor. Era um homem corpulento, de rosto amplo, escanhado, cor de cobre, notavelmente inexpressivo; não obstante, ao rir – afundando a mandíbula, mostrando os dentes superiores e a língua – assumia uma expressão de suavíssima, quase feminina mansidão. Entre os ombros e a cintura, a extensão do corpo, um pouco proeminente à altura do estômago, era extraordinária. Movia-se com certo pesadume, carregado de forças, e parecia empurrar algo. Deixou-os entrar, sucessivamente, olhando cada um na cara. Isso assombrou Gauna, porque havia bastante luz, e o doutor deveria saber, desde o primeiro momento, quem eram.

A casa era baixa. O doutor os conduziu por um vestíbulo lateral, através de uma sala, que tinha sido um pátio, até um escritório, com duas sacadas que davam para a rua. Penduradas nas paredes, numerosas fotografias de gente comendo em restaurantes, ou sob ramagens, ou ao redor de churrasqueiras, e dois solenes retratos: um do doutor Luna, vice-presidente da República, e outro do próprio doutor Valerga. A casa dava a impressão de asseio, de pobreza e de alguma dignidade. O doutor, com evidente cortesia, pediu que se sentassem.

– A que devo tanta honra? – perguntou.

Gauna não respondeu de imediato, porque pareceu ter descoberto naquele tom uma ironia velada e, para ele, misteriosa. Larsen se apressou a balbuciar alguma coisa, mas o doutor se retirou. Nervosamente, os rapazes se mexeram nas cadeiras. Gauna perguntou:

– Quem é a mulher?

Ele a via através da sala, através de um pátio. Estava coberta de roupas negras, sentada numa cadeira muito baixa, costurando. Era velha.

Gauna teve a impressão de que não o tinham ouvido. Pouco depois, Maidana respondeu, como se despertasse:

– É a criada do doutor.

Este trouxe numa bandejinha três garrafas de cerveja e alguns copos. Pôs a bandeja sobre a escrivaninha e serviu. Alguém quis falar, mas o doutor o obrigou a se calar. Aborreceu-os um pouco com declarações de que era uma reunião importante e que quem tinha de falar era a pessoa devidamente encarregada. Todos olharam para Gauna. Por fim, este se atreveu a dizer:

– Ganhei mil pesos nas corridas de cavalos e acho que o melhor é gastá-los nestas festas, com a gente se divertindo todos juntos.

O doutor o fitou inexpressivamente. Gauna pensou: “Eu o ofendi, com a minha precipitação”. Acrescentou, mesmo assim:

– Espero que queira nos honrar com a sua companhia.

– Não trabalho num circo, para ter companhia – respondeu o doutor, sorrindo; depois acrescentou com seriedade: – Me parece uma boa idéia, meu amigo. Com o dinheiro do jogo é preciso ser generoso.

A reunião perdeu a tensão. Todos foram até a cozinha e voltaram com uma travessa de carne fria e novas garrafas de cerveja. Depois de comer e beber, conseguiram que o doutor contasse anedotas. O doutor tirou do bolso um canivete de madreperla e começou a limpar as unhas.

– Por falar em jogo – disse –, agora me lembro de uma noite, por volta de 1921, em que o *Gordo* Maneglia me convidou ao seu escritório. Olhando para ele, tão gordo e tão trêmulo, quem diria que aquele homem era delicado, uma dama, quando jogava baralho? Não me considero invejoso – declarou, fitando agressivamente cada um dos circunstantes –, mas sempre invejei Maneglia. Ainda hoje fico pasmo se penso nas coisas que o falecido fazia com as mãos enquanto os senhores abriam a boca. Mas é inútil, numa manhãzinha o sereno o pegou e em menos de vinte e quatro horas a pneumonia dupla o levava.

“Naquela noite havíamos jantado juntos e o *Gordo* me pediu que o acompanhasse até seu escritório, onde uns amigos o esperavam para jogar truco. Eu não sabia que o *Gordo* tinha escritório, nem ocupação conhecida, mas como o calor apertava e havíamos comido bastante, achei conveniente tomar um pouco de ar antes de me jogar na cama. Me espantou ao concordar em ir caminhando, sobretudo quando vi a respiração dele, entrecortada, mas ainda não tinha me dado provas de ser tacanho e apegado ao dinheiro. Mas me assombrei ainda mais quando vi ele se meter pelo portão do estacionamento dos rabeções. Parou e, sem olhar para mim, disse: ‘Aqui estamos,

não vai entrar?'. Eu sempre tive asco pelas coisas da morte, de modo que entrei encolhido, a contragosto, entre aquela fila dupla de carroças fúnebres. Subimos por uma escada em caracol e nos vimos no escritório do *Gordo*. Ali, entre a fumaça dos cigarros, os amigos o esperavam. Ou, melhor dizendo: lembro que eram dois, e que um tinha a cara queimada, como uma cicatriz só, se é que os senhores me entendem. Disseram ao Maneglia que um terceiro – mencionaram o nome dele, mas não prestei atenção – não podia vir. Maneglia não pareceu estranhar, e me pediu que substituísse o ausente. Sem esperar pela minha resposta, o *Gordo* abriu um pequeno armário de pinho, trouxe o baralho e o deixou sobre a mesa; depois foi buscar um pão e dois potes de doce de leite; num deles havia grão-de-bico, para marcar os pontos, e no outro, doce de leite. Tiramos a sorte,⁵ mas compreendi que isso não tinha importância: qualquer que fosse o meu parceiro, eu seria parceiro do *Gordo*.

“A sorte, no princípio, estava indecisa. Quando o telefone tocava, o *Gordo* demorava a atender. Explicava: ‘Para não falar de boca cheia’. Era notório o que aquele homem comia de pão e doce. Quando desligava o telefone, levantava-se pesadamente e abria uma janelinha frágil que dava para a cocheira e em geral gritava: ‘Altar completo. Caixaõ de quarenta pesos’. Dava as medidas, o nome da rua e o número. A grande maioria dos caixaões era de quarenta pesos. Lembro que pela janelinha entravam emanações verdadeiramente fortes de cheiro de pasto e de cheiro de amoníaco.

“Posso garantir que o *Gordo* me deu uma interessante lição de agilidade com as mãos. Por volta da meia-noite comecei a perder de verdade. Compreendi que as perspectivas não eram favoráveis, como dizem os sitiantes, e que precisava reagir. Aquele lugar tão fúnebre me desanimava um pouco. Mas o *Gordo* tinha cantado tantas flores⁶ sem que eu encontrasse brecha para o menor protesto, que fiquei chateado. Aqueles trapaceiros já estavam ganhando outra mão, quando o *Gordo* virou suas cartas – um ás, um quatro

5 No original em espanhol: “*Tiramos a reyes*”. *Tirar a reyes* significa distribuir as cartas entre os quatro participantes do truço – ou de qualquer outro jogo que opõe duas duplas – para definir os parceiros. Os dois primeiros jogadores que tirem reis formarão uma das duplas. (N.T.)

6 “Cantar flores”: num popular jogo de apostas em que se distribuem três cartas a cada participante, faz “flor” o jogador que tem nas mãos três cartas do mesmo naipe. Ele então “canta” (anuncia) sua “flor” e arrecada o montante apostado. (N.T.)

e um cinco – e gritou: ‘Flor de espadas’. ‘Flor de talho’, respondi, e tomando o ás, passei o fio da carta pela cara dele. O *Gordo* sangrou aos borbotões e lambuzou tudo. Até o pão e o doce de leite ficaram vermelhos. Juntei devagar o dinheiro que havia sobre a mesa e guardei no bolso. Depois peguei um punhado de cartas e enxuguei o sangue do *Gordo*, esfregando-as na fuça dele. Saí tranqüilamente e ninguém me barrou a passagem. O falecido me caluniou uma vez na frente de conhecidos, dizendo que eu tinha um canivete sob a carta. O coitado do Maneglia acreditava que todos tinham as mãos tão leves quanto as dele.”